

# Alerta

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da Feira, 14-2.º



DIRECTOR-REDACTOR UNICO

DOMINGOS FERREIRA



EDITOR RESPONSAVEL

Fernando Monteiro

*Collaboradores:* — Alfredo Gallis, Angelo Jorge, Arnaldo Pereira, Arthur Doria, Eduardo de Aguiar, Gomes Leal, Gonçalo Araujo, Heliodoro Salgado, Joaquim Leitão, Lucinda Ribeiro, Manoel Novaes, Maria Prado, Martins Lima, Miguel Bombarda, Oliveira e Silva, e outros

Typographia Minerva — Famalicão

**SUMMARIO:** — Alma Nova. — O Baptismo (versos), *Guerra Junqueiro*. — Os Falsos Apostolos, *Pedro Kropotkine*. — Um pensamento de Borges Carneiro, *Alfredo Gallis*. — A Propriedade e o Socialismo, *J. Illenatnom*. — Extractos e Pensamentos. — Calendario Historico. — Archivando.

## Alma Nova

(INEDITO)

**L**ANÇADO o primeiro pregão das theorias modernas, doutrinas claras que encontraram echo em todos os espiritos, a multidão ignara e incredula, sempre opprimida sob um jugo doloroso, sentiu na alma — alma atribulada que o odio tornára inconsciente — as primeiras manifestações do seu enorme e inquebrantavel poder. Começavam a rasgar-se lentamente as immensas trevas da Oppressão e jaziam, já quasi sem vida, as inconcebiveis torturas que durante um seculo foram a origem espectacular da morte affrontosa d'um povo. Finalisavam-se com precipitação, estorcendo-se em esgares horrorosos, em convulsões angustiosas os ultimos grilhões infamantes que haviam extinguido a esperança mental d'uma nação poderosa. Já feridas de morte a Igreja e a Monarchia colligavam-se estreitamente, e tentavam, aliados sinceramente pela mesma ideia que os dominava, exterminar pela ignominia, pela brutal indifferença um povo insubmisso que não queria dobrar-se aos seus caprichos nem contribuir para a agglomeração de enormes fortunas, que se esbanjavam em luxos quasi phantasticos, em opulencias quasi reaes.

Alastrava-se o domínio brutal e oppressor como uma onda invasora de terriveis effectos. Manifestavam-se nas altas camadas sociaes symptomas de excessiva má vontade contra a multidão immensa, que era constituida pelo operariado e mais gente que vivia miseravelmente. A multidão gemia apavorada, e esperava, já quasi moribunda, que o generoso Ideal, ainda em embrião, que em outros paizes ia recrutando adeptos e divulgando as suas doutrinas, entrasse em Portugal como uma luz de estranho fulgor, como um facho brilhante que suavisasse a existencia de milhares de miseraveis. O primeiro pregão, pois, das theorias modernas foi ouvido claramente em todo o paiz; alastrou-se rapidamente, produzindo um elaro movimento de protesto e um unisono e prolongado grito de revolta. Era a constituição em Portugal do partido dos opprimidos: — A Anarchia.

\*

Confundidos no meio da multidão que nos creára, familiarizados com a miseria que nos servira de berço, alli nos ensinaram a ler no mysterioso livro da vida que se chama o Futuro. Lançados no turbilhão incomprehensivel do porvir, arremessados ao mar immenso do Destino, cedo conhecemos as infelicidades da desventura, as desditas do egoismo humano. Principiaram conosco na juventude as amarguras infundaveis, para terminar — quem sabe — a velhice em uma enxerga hospitalar. Foi, pois, a multidão quem nos indicou o nosso Ideal, foram as proprias infelicidades que nos conduziram á revolta. Aliados com o povo postamo-nos na vanguarda do numero exercito dos rotos, dos opprimidos, dos miseraveis, dispostos a perecer pelo

nosso Credo, a lutar insistentemente pela nossa Ideia.

Não nos abandone a energia, não nos atraia a intelligencia, e o nosso esforço, o nosso fraco apoio estará sempre ao lado dos insubmissos que comprehendem a sua força, dos que são covardemente expoliados.

TANTO Budha como Christo foram submettidos a um acanhado ephemerismo, procurando tornar e fazer valer como documentos historicos o que não passa de lendas poeticas, desenvolvidas tradicionalmente de mythos cujo sentido era obliterado.

Todos os trabalhos sobre Budha partiram da admissão da sua realidade historica; hoje pelos trabalhos de Senart e pela corrente da critica, Budha fica unicamente um typo mythico; o mesmo succede com o Christo, cuja realidade historica não tem um só documento que mereça fé e que apresente o caracter historico.

THEOPHILO BRAGA.

## O Baptismo

Baptisae: annunciaes d'um anjo um satanaz.  
Desinfectaes Ariel banhando-o em aguaraz  
De igreja, e no latim que um malandro expectora  
Dizeis á noite: — limpa a tunica da aurora,  
E ao rouxinol dizeis: — pede a benção da c'ruja.  
Daes os lyrios em flôr ao rol da roupa suja,  
Representaes a farça estúpida e sombria  
D'um conego a lavar um astro n'uma pia,  
Finalmente extrahis da innocencia o peccado,  
Que é o mesmo que extrahir d'uma rosa um cardo,  
E tudo isto porque? Porque na biblia um mono  
Devora uma maçã sem licença do dono!

GUERRA JUNQUEIRO.

O alcool na epoca actual faz mais destroços do que os tres flagellos historicos: a fome, a peste e a guerra. Elle dizima mais do que a fome e a peste, mata mais do que a guerra, e faz mais do que matar, deshonra.

GLADSTONE.

## Os Novos Apostolos

### O espirito revolucionario

HA na vida das sociedades épocas em que a Revolução se torna uma necessidade imperiosa e se impõe de um modo absoluto. As ideias novas que germinam, por qualquer fôrma tratam de sair á luz e de buscar uma applicação na vida; vão bater,

porém, continuamente contra a força de inercia d'aquelles que teem interesse na manutenção do antigo regimen; afogam-se na atmosphera suffocante dos velhos preconceitos e tradições. As ideias recebidas sobre a constituição dos Estados, sobre as leis de equilibrio social, sobre as relações politicas e economicas dos cidadãos, não resistem já á critica severa que constantemente as fustiga, tanto no salão como na taberna, tanto nas obras dos philosophos como na conversação diaria. As instituições politicas, economicas e sociaes são derrubadas, convertendo-se n'um edificio inhabitavel que incommoda e impede o desenvolvimento dos germens que se produzem nas suas paredes esburacadas e nascem á volta d'ellas. Torna-se sensível a necessidade de uma vida nova. O estabelecido codigo de moralidade, o codigo que governa a maior parte dos homens na sua vida normal, não parece já sufficiente. Vae-se notando a pouco e pouco que o que hontem se julgava equitativo, não é hoje mais que uma irritante injustiça. A moralidade de hontem é hoje considerada uma moralidade insupportavel.

Em todas as classes sociaes, em todos os meios, até no seio da familia estala o conflicto entre as novas ideias e as velhas tradições. O filho entra em lucta com o pae e acha escandaloso aquillo que este durante toda a sua vida achou muito natural; a filha revolta-se contra os principios que sua mãe lhe transmite como o fructo de uma larga experiencia. A consciencia popular insurge-se todos os dias contra os escandalos que se produzem entre os privilegiados e os ociosos, contra os crimes que se commettem em nome do direito do mais forte, para perpetuar os privilegios. Os que desejam a victoria da justiça, os que querem pôr em pratica os novos ideaes, vêem-se obrigados a reconhecer que a realisação das suas ideias generosas, humanitarias, regeneradoras, não pôde verificar-se n'uma sociedade como a actualmente constituida; comprehendem a necessidade de uma tormenta revolucionaria que varra toda esta podridão, que vivifique com seu sopro os corações entorpecidos e leve a humanidade á abnegação e ao heroismo, sem o quê uma sociedade se avilta, se amesquinha, se desmancha.

Nas épocas de desenfreada competencia, até ao enriquecimento, nas occasiões de crimes e especulações febris, de repentinos desabamentos de grandes industrias e ephemeras expansões de outros ramos de produção, de caudalosas fortunas amontoadas em poucos annos e dissipadas do mesmo modo; n'essas épocas concebe-se facilmente que as instituições que presidem á produção e á troca estão bem longe de dar á

sociedade o bem-estar que pretendem garantir-lhe; vae-se mesmo notando que dão precisamente um resultado contrario. Em vez da ordem geram o cahos; em vez do bem estar, a miseria, a incerteza do dia de amanhã; em vez da harmonia dos interesses, a guerra: uma guerra perpetua do explorador contra os productores e d'estes entre si. Vê-se a sociedade dividir-se cada vez mais em dois campos inimigos e subdividir-se ao mesmo tempo em milhares de pequenos grupos que se fazem uma guerra encarniçada.

Cansada de estas guerras, fatigada pelas misérias que ellas originam, a sociedade lança-se á procura de uma nova organização e pede altivamente uma transformação completa do regimen da propriedade, da producção, da troca e de todas as relações economicas que são sua consequencia.

A machina governamental, encarregada de manter a ordem existente, funciona ainda. Mas, a cada volta que dá a sua engrenagem, deprime-se, desvia-se e pára. O seu funcionamento faz-se cada dia mais difficilmente, o descontentamento provocado pelos seus defeitos vae crescendo sempre. A cada movimento surgem novas exigencias. «Reformae isto, reformae aquillo», gritam por todos os lados. «Guerra, finanças, impostos, tribunaes, policia, tudo deve ser refundido, reorganizado, estabelecido sobre novas bases», dizem os reformadores. E, apesar d'isso, todos comprehendem que é impossivel refundir, retocar qualquer d'estas coisas. Como tudo está ligado, seria necessario reformar tudo ao mesmo tempo, e como poderá isso obter-se, se a sociedade fica dividida em dois campos declaradamente inimigos? Satisfazer uns descontentes seria crear novos descontentes.

Incapazes de se internarem na vida das reformas, visto que isso seria encaminhar-se para a Revolução, e ao mesmo tempo demasiado impotentes para se lançarem abertamente na reacção, os governos limitam-se a apresentar palliativos que não satisfazem a ninguem e não servem senão para suscitar novos descontentamentos. Os que se encarregam n'essas épocas transitorias de dirigir o barco governamental não pensam, por outro lado, senão n'uma unica coisa: enriquecer em face do desastre proximo. Atacados por todos os lados, defendem-se torpemente; vacillam, commettem torpezas sobre torpezas e bem depressa acabam por quebrar a ultima taboa de salvação, atogando o prestigio governamental no ridiculo da sua propria incapacidade. N'estas épocas, a Revolução impõe-se. Uma necessidade social resulta. A situação é puramente revolucionaria.

Quando estudamos nos nossos melhores

historiadores a origem e o desenvolvimento dos grandes movimentos revolucionarios, achamos geralmente debaixo do seguinte titulo «As causas da Revolução», um quadro surprehendente da situação, na vespera dos acontecimentos. A miseria do povo, a incerteza geral, as medidas vexatorias do governo, escandalos odiosos que mostram os grandes vicios da sociedade, as ideias novas que tratam de abrir caminho e tropeçam contra os partidarios do antigo regimen, nada d'isto falta ao referido quadro. Ao contemplal-o, chega-se á convicção de que a Revolução era, com effeito, inevitavel; que nenhuma outra saída restava, a não ser o caminho dos feitos insurreccionaes. Tomemos para exemplo a situação antes de 1789, tal qual nol-a dão a conhecer os historiadores.

Julgaes ouvir o camponez queixar-se da contribuição, da decima, dos impostos feudaes, e abrigar no coração um odio implacavel ao senhor, ao commerciante, á auctoridade. Parece-vos ver os burguezes a queixarem-se de haver perdido os seus amplos privilegios, e esmagar-se o rei debaixo do peso das suas maldições. Ouvis o povo maldizelo, revoltar-se contra o procedimento dos ministros, e por todos os lados dizer-se que os impostos são intoleraveis e as decimas exhorbitantes; que as colheitas são más e o inverno demasiadamente rigoroso, que os viveres são carissimos e os negociantes demasiado vorazes, que os advogados da villa devoram a colheita do camponez e o guarda campestre pretende armar em senhor; que o correio está mal organizado e os empregados são uma corja de bandidos. N'uma palavra, nada anda bem, todos se queixam: «Isto não pôde continuar assim, isto vem a acabar mal», diz-se por toda a parte. Porém, entre estes raciocinios pacificos e a insurreição existe um abysmo profundo, um abysmo que separa, na maior parte da humanidade, o *raciocinio do acto*, o *pensamento da vontade*, da necessidade de operar. Como foi transposto esse abysmo? Como é que esses homens, que ainda hontem se queixavam timidamente da sua sorte, fumando com tranquillidade o seu cachimbo, e que, momentos depois, saudavam com extrema humildade esse mesmo guarda campestre do qual acabavam de dizer mal, como é que, pergunto eu, uns dias mais tarde, esses mesmos homens puderam tomar a enxada e os alviões e atacar no seu proprio castello o senhor, que ainda hontem tanto terror lhes inspirava? Porque é que esses homens que suas mulheres alcunhavam, com razão, de cobardes, se puderam transformar em heroes que correm, debaixo da chuva de balás e metralha, á conquista dos seus direitos? Como pu-

deram finalmente traduzir-se em actos, essas *palavras* tantas vezes proferidas e repetidas no ar como o vago som de campanhas? E' facil a resposta.

E' á acção continua, sempre renovada, das *memorias*, que se deve esta transformação. O valor, a abnegação, o espirito de sacrificio, são tão contagiosos como a cobardia, a submissão e o panico. Que fórmas tomará a agitação? A agitação tomará todas as fórmas, e serão tão variadas como as circumstancias que as originam. Ora lugubre, ora satyrica, mas sempre audaz; quer collectiva, quer simplesmente individual, a agitação não desprezará nenhum dos meios ao seu alcance, nenhuma circumstancia da vida publica para conservar sempre acordado o espirito, para propagar e formular o descontentamento, para excitar o odio contra os exploradores, ridicularisar os governantes, demonstrar a fraqueza das auctoridades, e mais e antes que tudo, para despertar a audacia e o espirito de rebeldia, prégando com o exemplo.

PEDRO KROPOTKINE.

## Um pensamento de Borges Carneiro

(INEDITO)

No n.º 4 d'esta revista encontrei entre outros trechos de leitura instructiva o seguinte pensamento de Borges Carneiro, o grande liberal de 1820:

«Nós somos de tal modo construídos que antes queremos que nos divirtamos do que nos instruíamos.»

Fallava assim ha oitenta e tantos annos um dos homens mais respeitadas da nossa historia pela sua illustração, civismo e austeridade de conducta, n'um tempo em que ainda havia crenças, fé, dedicação e até idealismos que ascendiam ao sacrificio dos bens pessoaes, em defesa dos principios que representaram uma base do antigo edificio da instrução.

Que diria Borges Carneiro se cá voltasse e visse agora o que por ali vae nos capitulos—divertimentos e instrução!

O povo das villas e aldeias, analphabeto na sua grande maioria, gasta na roda do anno em procissões, arraiaes, foguetes, vinho, fogo de artificio, cavalhadas e mais palermices do estylo, o duplo do que precisaria gastar para aprender a lêr e mandar os filhos á escola!

Todo o verão e ainda parte do outomno são gastos por essas provincias fóra no espectáculo de festividades campestres a quantos oragos existem da especial devoção das respectivas freguezias, mentido culto religioso e verdadeiro a proposito para comes e bebes, bailaricos, cantigas e desordens á paulada.

A respeito de instrução, temos conversado. D'este conjuncto de estupidez e pandega nasce a materia prima com que se encham as cadeias e se abastece o vasto necroterio do Brasil.

O camponio analphabeto, quando não é degredado para a Africa por ter morto a tiro ou a pau um rival antigo, dá a vida ao manifesto em S. Paulo ou na Bahia, por não ter na patria em que empregar o seu trabalho animal.

No entanto, divertimentos não faltam.

As festas da Agonia, em Vianna do Castello, e as de S. Torquato, em Guimarães, teem fama no paiz.

A capital está plethorica de mulheres perdidas enchendo os prostibulos, todas filhas das provincias, todas analphabetas, miseranda legião da crapula e do vicio, recrutada n'esses centros onde se preferem os divertimentos á instrução.

E mesmo aqui, em Lisboa, apesar dos esforços louvaveis de varios nucleos sociaes esforçando-se para diffundir a instrução entre o povo, este gasta muito mais em divertir-se do que em instruir-se.

A feira de Alcantara faz um negocio uberrimo e n'ella funcionam dous theatros cujos espectaculos são constituídos por uma série de obscenidades, claras umas, intencionaes e encapotadas outras, que fazem as delicias do publico e rasgam os ultimos farrapos do véu do pudor a alguma mulher que cá vae conservando ainda um fragmento d'esse véu.

A grande massa pouco se importa com a instrução; o que quer é pandega.

Existem milhares de repazes de certa esphera social que passam as noites nos cafés e nos meretricios, sem nunca pegarem n'um livro, nem pretenderem illustrar-se, sendo uma verdadeira lastima ouvil-os falar e discutir!

As consciencias e os cerebros, mercê esta falta de instrução, encontram-se embotados e já não se impressionam nem com as grandes virtudes nem com os grandes crimes.

E' assim uma especie de corpo social animalizado que causa asco e inspira piedade, não merece um esforço nem uma dedicação, porque não comprehende nem pondera essas cousas, antes se irritaria raivoso se o afastassem do seu chiqueiro para o arrojado sanatorio da limpeza do espirito.

Politica, litteraria e scientificamente apreciada, Portugal é um paiz que não caminha, arrasta-se.

E todo aquelle que n'este mundo se arrasta, seja um individuo ou uma collectividade, não deixa duvidas ácerca do seu valor e das suas aptidões.

Mais do que nunca o pensamento de Borges Carneiro se póde applicar hoje ao nosso paiz, e longe esteve elle, no seu tempo, de suppôr até onde isto havia de chegar, embora as eloquentes lições da historia do povo romano fossem de molde a provar que quando uma nação prefere os divertimentos á instrucção, está lavrando a sua sentença de morte.

O circo foi a grande casa onde a patria de Catão e de Cícinnatus se afundou para nunca mais se levantar.

Assim tambem a Escola ha-de ser no futuro a unica taboa de salvação dos povos livres e dignos.

ALFREDO GALLIS.

---

## A Propriedade e o Socialismo

---

**N**O espaço de muitas gerações os homens viveram errantes como animais selvagens, constituindo, todavia, uma raça mais robusta do que a actual. N'essas eras distantes não sabiam arrotar os campos: o feno era-lhes desconhecido. As arvores não eram podadas, não lhes arrancavam os ramos e hastes que prejudicavam a condição dos fructos.

Todos os conhecimentos elementares da agricultura estayam ainda por adquirir nos homens primitivos.

O que a natureza nas suas mais grosseras producções lhes dêsse; o que o sol e as chuvas fizessem a bem da fertilidade das terras, bastava a satisfazer os seus desejos e necessidades. Eram de tal fórma rudés os seus habitos que nem sequer sabiam cobrir-se com os despojos das feras que venciam. O fogo era-lhes alheio, bem como todos os costumes e leis humanas.

Mais tarde, no decurso dos tempos, principiaram a construir cabanas a que se acoitavam; as primeiras e mais intensas sensações de frio mostraram-lhes a necessidade de se cobrirem com pelles. O raio trouxe-lhes o fogo no estrepito das tempestades. O fogo deu ao homem nova vida, nova força. Esta deu-

lhes mais tarde a conquista; construíram cidades, e começaram a governar o mundo.

N'esta phase, sem duvida, os fortes e astutos disseram aos fracos e ingenuos: «*Isto é meu e tens que respectal-o.*»

A imposição tornou-se um facto, a instituição da propriedade nascia e por toda a parte o reinado da miseria e do crime inaugurou o seu periodo de funcionamento nefasto.

Os fortes e astutos souberam subjugar de tal modo os fracos e ingenuos que em pouco tempo o mundo inteiro caiu sobre o poder dos primeiros. Desde então a humanidade vive n'um estado permanente de lucta implacavel. Vícios nefastos, crimes sobre crimes, cadaveres aos montões, taes são os fructos colhidos da propriedade individual!... E porque foi ella adquirida mediante violencias, roubos e usurpações, affirmam-nos hoje que a propriedade individual é a origem do delicto e dos vícios corruptores que a sociedade tem engendrado. Affirmam ainda que é ella a unica causa geradora de todo este abysmo social de torpezas, iniquidades, deprecações e hecatombes e orgias que fazem do mundo inteiro uma Babylonia colossal e tragica.

A maior parte dos sociologos concordam connosco em que a propriedade é a causa evidente da injusta organização actual, do privilegio, da servidão do proletariado, do despotismo d'aquelles que o possuem. E connosco concordam tambem em que, para sanear tão terriveis efeitos, preciso se torna supprimir a causa, isto é, destruir a monstruosa instituição da propriedade individual.

Todos, tanto socialistas como innovadores de qualquer doutrina, combatemos o systema de propriedade capitalista, mas quando se trata dos meios de combate e no modo de reconstruir a sociedade nova, principiam as scisões.

Nós, como socialistas libertarios, affirmamos que o unico meio aceite pela razão, para equilibrar as relações da organização do futuro, é supprimir á propriedade os caracteres de individualismo, tornando-a em posse commum. Não deve pertencer a alguém exclusivamente. — Ninguem será possuidor privilegiado, tudo pertencerá a todos indistinctamente, gosando todos os fructos que esse todo, funcionando, nos proporcione.

Outros, sem embargo, apesar de haverem reconhecido que a propriedade tal como está organizada é a causa da pobreza, querem restringil-a.

Referimo-nos aos socialistas auctoritarios.

Estes, de boa ou má fé, crêem que com o seu systema em materia politica e economica, a sociedade poderia salvar-se da tremenda *débacle* que a ameaça. Mas, como todos aquelles que receiam e não querem destruir d'um golpe a grande causa do mal, incorrem n'um gravissimo equivoco.

Pretendem realizar uma Revolução, derramar sangue para a abolição de instituições velhas, e no dia seguinte ao da victoria tratam de reproduzir na nossa organização, aparentemente transformados, os principaes erros que caracterizam a sociedade actual. Querem, sobretudo, que o povo consiga a abolição da propriedade individual, mas em seguida tratam de dar a cada um o *producto inteiro do seu trabalho*. Este facto, em nossa opinião está na maior das contradicções com a natureza physico-moral do homem, e nem sequer nos pômos a imaginar como isso possa caber em cerebros intelligentes como os que conhecemos no partido socialista-auctoritario.

Não obstante, o facto leva-nos a emittir algumas considerações ácerca de tão importante assumpto, apesar de que outros o hajam feito antes de nós e por fórma bem mais superior.

Dar a cada um o *producto integro do seu trabalho* equivale a dizer ao homem: — não sejas solidario com os teus semelhantes, sê egoista, trata apenas de ti. Essa fórmula em nada corresponde aos sentimentos de justiça em que ha-de basear-se uma sociedade nova.

Um exemplo:

Supponhâmos que um individuo para satisfazer ou apenas acudir ás suas necessidades precisa produzir quantidade igual a vinte e as suas forças, apesar de muitos sacrificios, só lhe permitem haver productos proporcionaes a dez.

Teria de viver em eterno deficit com o seu corpo, ao passo que outro, pela natureza dotado de forças herculeaes e de optimas condições, com um pequeno esforço produziria o valor de trinta, necessitando tão sómente quinze para satisfação das suas necessidades. Este viveria em continua abundancia.

Não é isto justo nem razoavel, porque nada tem de progressivo ou humano. Toda a justiça que a tal fórmula possa encerrar é absolutamente destituída de criterio moral: visto que ella colloca os homens na mesma situação de lucha incruenta, em que o mantem os governantes e capitalistas actuaes, seria uma blasphemia attribuir-lhe qualquer senti-

do justiceiro. Além d'isso, na organização socialista nem tudo terá o mesmo valor, haverá necessariamente productos a que terá de attribuir-se maior valor que a outros, e nem todos nós, por lei natural e physiologica, haveremos de empregar a mesma força e a mesma intelligencia na producção variada, existindo portanto, como actualmente, trabalhos limpos e sujos, pesados uns, outros ligeiros. E o homem orientado na vereda do seu bem estar individual, sem reconhecer a situação alheia ou interessar-se por ella, seria fatalmente um egoista e escolheria na propria sociedade socialista aquelle dos trabalhos que visse melhor retribuido e lhe fosse mais facil e menos pesado, maldizendo e detestando os que offerecessem mais difficuldade e menos lucro, tal qual hoje acontece. Isto, apesar de o não quereem ouvir os senhores socialistas, daria logar a que houvesse superabundancia de braços n'um determinado ramo de producção e falta n'outros. Perante o facto e em consequencia de um estudo attento das relações sociaes da actualidade e do futuro, nós os libertarios, fomos levados a considerar que não ha intelligencia por mais desenvolvida e subtil que seja, capaz d'avaluar o trabalho de um individuo. Quem poderá affirmar que o meu trabalho vale cinco, se só eu conheço a somma d'actividade intellectual e muscular que n'elle gastei?

Quem estará habilitado a analysar o trabalho alheio, sem incorrer em erros manifestos? Quem, ao fazê-lo, poderá evitar apreciações falsas ou influencias do ambiente?...

O nosso organismo, apesar de constituir uma parte do machinismo universal, tem todavia um funcionamento individual, que apenas cessa com a paralyção da vida. Assim, cada qual *soffre*, em face dos acontecimentos ou casos que á sua vista se offerecem, um certo numero de sensações que seria difficil constatar em todas as demais pessoas.

Supponhâmos que assistindo a uma representação theatral, a acção desenrolada no palco me causa uma impressão differente da que vejo transparecer nos outros espectadores, dos quaes ainda uns applaudem com entusiasmo, enquanto outros se riem a bandeiras despregadas. Posso ter um conceito proprio ácerca de determinada coisa ou questão, mas não posso exigir que outros acceitem os meus pontos de vista, baseando-me em leis verdadeiras ou positivas. Posso ter uma percepção especial das côres, exprimir a sensação do vermelho sob a influencia

physica ou psychica de certas circumstancias; poderei tambem ouvir e meditar as explicações que outros me dêem sobre o effeito visual da mesma côr a seu modo e grau de percepção, mas não poderei encarnar-me n'elles com o fim de averiguar se essa impressão se faz tão consentaneamente como em mim proprio. Não posso trocar os meus olhos pelos dos outros e inversamente; posso muito bem ter a noção do pezo, que póde estar em conformidade com a d'outras pessoas, mas o que nunca poderei saber ou avaliar é o grau de força que cada um emprega nos movimentos feitos com certos pezos. Posso engulir uma iguaria, summamente agradável ao meu paladar, poderão os outros achal-a boa tambem, mas nunca saberei se o sabor que os outros lhe encontram é absolutamente igual ao que me delicia. Assisto a um concerto vocal e instrumental, extasiam-me as variações e temas que ouço, ao passo que outros se conservam impassiveis porque n'elles não encontram emoção as bellezas musicas.

Poderia, admittindo ainda esta hypothese, esse mesmo concerto despertar nos outros uma suave esthesia, mas o que certamente não conseguirei affirmar, é que os nervos d'outra pessoa tenham sentido a mesma vibratilidade que nos meus despertou uma sensação voluptuosa de determinada natureza.

E assim successivamente.

Devemos tambem accrescentar que nem todos os homens possuem no mesmo grau a comprehensão das coisas. Nem a todos parece bom, o que o é para mim; é natural que eu ache mau o que muitos consideram bom. Ha quem não seja solidario com o meu modo de vêr, com meus gostos pessoases, etc., porque nem todos os organismos, apesar das analogias de estrutura, possuem as mesmas impulsões no funcionamento e acção exterior da sua vida.

Independentemente de toda a condição moral do homem, o que affirmamos n'um sentido, qual é a suppressão do governo, tome elle o nome que tomar; não queremos que a sua existencia se mantenha á custa do camponez que se extenua no cultivo da terra sob o rigor das estações e do operario das cidades que no tormento das officinas se mortifica e definha para transformar a materia-prima nos productos variados da industria. Os nossos bons socialistas, constituindo um governo, ou seja uma administração superior para regular e avaliar a parte que corresponde a cada trabalhador, do trabalho que exerce, commettem uma re-

voltante inconsequencia que será uma nova infamia. Dar ao novo Estado a direcção e administração de todos os ramos da vida social, é querer submeter as futuras gerações productoras á tyrannia d'um burguez unico.

O Estado constituirá um novo corpo burocratico encarregado de regularisar e equilibrar o valor dos productos, de evitar a superabundancia de braços em determinados trabalhos e a escassez em outros, de estabelecer a troca de productos e muitas coisas varias.

Necessariamente tal systema criaria descontentes.

Que deveria fazer-lhes? Reduzil-os ao silencio. Os homens do Estado socialista serão, n'esse caso, o burguez que mais que lentamente suga o precioso sangue dos productores: o commerciante que aufere criminosos lucros do seu trafico; o magistrado que dita *vereditums* e o legislador absoluto. Em summa se ámanhã os revolucionarios, ao derrubarem a formidavel Bastilha do capitalismo, intentassem edificar a sociedade socialista-estatista, teria aquelle grandioso esforço o mesmo deploravel resultado que se houvessem de inaugurar uma nova era de lucta fractricida, bestial, entre os homens.

Lisboa.

J. ILLENATNOM.

(Do livro em preparação :  
*Um mundo que morre  
e outro que nasce*).

---

## Extractos e Pensamentos

---

Só a Revolução, abolindo privilegios e classes e igualando o meio social pela suppressão das igrejas, poderá, apossando-se da materia e dos instrumentos de producção e tornando-os propriedade commum, assim como pela instrução atheista e scientifica dos dois sexos, realisar a emancipação integral da mulher na Republica Social.

STAKELBERG.

A classe ecclesiastica inspira-me antipathias. O padre, com os seus votos de obediencia e de castidade, representa para mim a negação do homem e repugna á minha natureza de sincero animal.

RAMALHO ORTIGÃO.

A educação da mocidade é o principal fundamento da felicidade humana.

LEIBNITZ.

## Calendario Historico

### Junho

Dia 3, de 1878— Manifestação dos livres-pensadores a Camillo Videira, por ter sido absolvido de não querer prestar juramento aos Santos Evangelhos; 14-1890, Consiglieri Pedroso e Guerra Junqueiro propõem, em côrtes, que sejam amnistiados os individuos processados por offensas á religião; 16-1872, comicio anti-jesuitico no Porto, para representar contra a reacção religiosa; 17-1885, registo de nascimento em Cintra; 18-1891, exequias no Gremio Lusitano pela morte de Elias Garcia, grão-mestre da maçonaria; 26-1876, 1.º registo civil em Lisboa; obito do dr. Ayres Maia.

## Archivando

### Eduardo de Aguillar

D'este distincto escriptor e nosso presado collaborador, apparecerá brevemente á luz um romance critico sob o titulo de *Missa de Requiem*, onde mostrará a sociedade egoista e pulha, cheia de magnificencias e grandezas, emquanto os párias, os sem pão, esfaldados pelo trabalho e má alimentação, morrem na pujança da vida, quantas vezes— sempre — n'um catre immundo sem ar nem luz, sem uma esmola que lhes vá suavisar as suas tetricas dores, tendo unicamente por companhia a *Miseria*, e uma filhinha, que é o seu encanto, a qual em troca das suas meigas palavras e das lagrimas que ao vêr seu pae cada vez mais cadaverico, com dolorosas convulsões, no paroxismo da vida, quasi a transformar-se em materia, inoportunamente, sem pulmões, faltando-lhe o oxygenio, roubado pelos burguezes, para logo á tarde passear á sua porta mostrando ao povo ignorante, ávido de sensações, na carruagem as filhas, aleiloando-as, procurando um pretendente que possua o duplo do seu dote, vae-lhe na alma um turbilhão de ideias ao sentir a morte breve por deixar sem protecção, sem amparo, o pedaço do coração — a filhinha — quem sabe? amanhã ella prostituir-se-ha, será lançada por um Cresus á má vida, ao passo que as ricas, de olheiras fundas, semi-virgens, tocam piano e nas gazetas chamam-lhes *virtuosas*.

Ao vêr tão desigual meio social, tanta deshumanidade, chora, tem assomos de revolta ao analysar a vida do operario, a besta de carga dos ricos, que sem dó pelos

opprimidos os extingue com o trabalho, e a mulher lança-a ao monturo, á devassidão, tendo por alicerces — a burguezia — cadaveres e prostituição; mas esses esqueletos um dia hão-de clamar revolta, havendo a derrocada, surgindo a *Idcia Nova*, perecendo a ignominiosa sociedade em que vivemos, desaparecendo a oppressão, a desigualdade, implantando uma sociedade de homens livres e iguaes. Morreu o desgraçado que juntamente com outros mil famintos, á custa do seu suor, deram-te meios para seres rico, cortejado por todos, e amanhã por contemples uma instituição caritativa o governo concede-te o titulo de barão ou visconde.

Não dêste, restituiste o que foi ganho pelos teus operarios na officina ou no campo ao sol ardente.

Estes é que são os bons, a estes é que as safadas folhas burguezas engraxam as botas, appellidando-os de espiritos altruistas e caritativos, á custa de milhares de vidas que lançaram ao além.

Após a publicação da *Missa de Requiem* sairá á luz do mesmo auctor dois romances: *A Morgadinha de Sousa e Silva* — quadros campesinos — e o *Mysterio* — humoristico.

Anciosamente esperamos o apparecimento do livro *Missa de Requiem*, para termos alguns momentos de goso espirital, vendo por essas paginas fóra a verdade mascula e sã, chicoteando as prepotencias e artificios da nossa actual phase social—que tem por estigmas a hypocrisia e o egoismo — alma mater da trilogia—Throno, Altar e Capital, e ao vêr que ainda ha espiritos sensatos e subliimes que defendem os Justos, que não commungam nas Trevas, adorando Deuses, mythos, e bebendo agua de *Lourdes* e dando esmolos á custa de... golphadas de sangue.

### «A Humanidade»

Temos recebido os tres primeiros numeros d'esta bella revista de propaganda libertaria e de critica, distinctamente redigida, que se publica em Lisboa.

Agradecemos.

### Revista Graphica

Temos presente o ultimo numero da bem feita revista cujo titulo encima estas linhas, inserindo collaboração distincta, firmada por pennas de merecimento da classe typographica.